

UM ESTUDO DEMOGRÁFICO SOBRE A POPULAÇÃO DA REGIÃO CENTRAL DO ESTADO DO PARANÁ NO SÉCULO XX

Data de aceite: 01/07/2024

Ana Paula Mariano dos Santos

Mestra e doutoranda em História,
Programa de Pós-Graduação em História–
PPH Universidade Estadual de Maringá
(UEM)

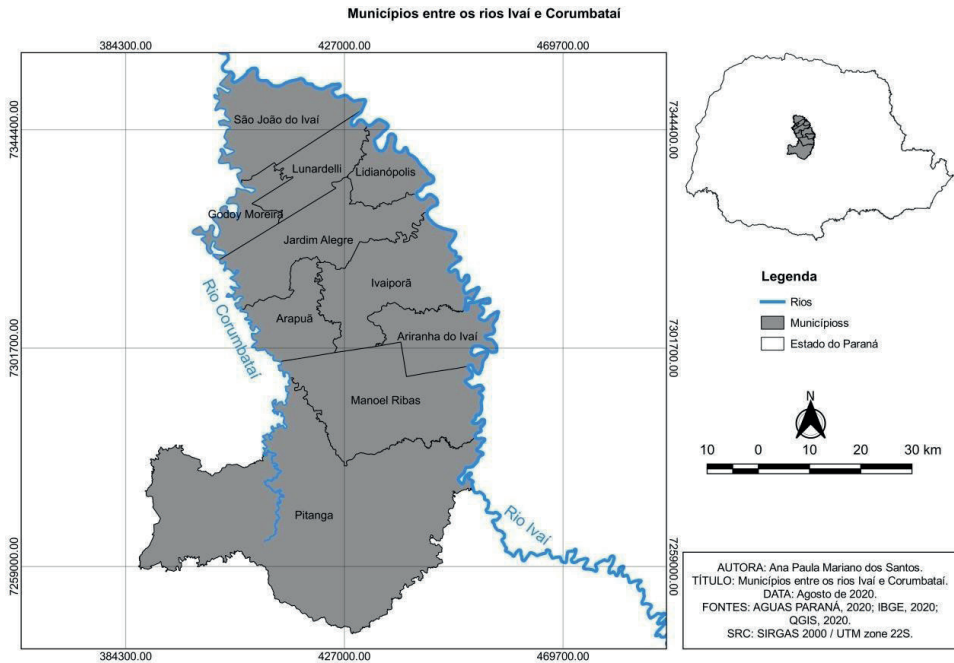
INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora se apresenta, tem como objeto de estudo a população de 9 municípios localizados na Mesorregião Norte Central do Estado do Paraná, que integra parte da Microrregião MRG-13 de Ivaiporã¹ e dos Territórios do Paraná Centro e Vale do Ivaí², sendo os municípios de: Arapuã, Ariranha do Ivaí, Godoy Moreira, Ivaiporã, Jardim Alegre, Lidianópolis, Lunardelli, Manoel Ribas, e São João do Ivaí, para ser mais precisa, municípios localizados entre os rios Ivaí e Corumbataí. Essa região até a década de 1950, consistia em uma grande fazenda chamada Ubá, de propriedade da Sociedade Territorial Ubá Ltda. (STUL), e uma parte do atual município de Manoel Ribas que foi concedida pelo Governo do Estado do Paraná a Edmundo José Hauer na década de 1940, para fins de colonização e a formação da Colônia Manoel Ribas.

RESUMO: Este trabalho apresenta aspectos centrais de um projeto de doutorado em desenvolvimento, cuja principal abordagem é realizar um estudo demográfico de municípios da região central do estado do Paraná ao longo do século XX. A pesquisa baseia-se em registros civis, paroquiais e censos demográficos para compreender a composição e desenvolvimento populacional da região. Ao abordar a demografia histórica, este estudo se diferencia ao focar no século XX, uma vez que a maioria das pesquisas existentes sobre demografia histórica se concentra no século XIX. Dessa forma, a pesquisa contribui para o início dos estudos sobre a demografia histórica do século XX.

1. IPARDES. **Mapas. Disponível em:** <<http://www.ipardes.pr.gov.br>>. **Acesso em:** 14 ago. 2020.

2. IPARDES, 2007a; IPARDES, 2007b.



O tema proposto, tem por objetivo, conhecer o perfil e a formação populacional dos habitantes da região, entre meados da década de 1920 até finais da década de 1960.

A problemática da pesquisa consiste em analisar os registros deixados pelos seus moradores no que tange aos Registros Cíveis (RC), de nascimento, casamentos e óbitos; os 3 Registros Paroquiais (RP), de batismos e casamentos e os Censos/Recenseamentos Demográficos, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das décadas de 1950-1970, onde temos a pretensão de desvendar as origens e relações sociais na formação populacional da região, e o mito do encontro das “frentes pioneiras”, cruzando-as com publicações memorialísticas produzidas em datas comemorativas dos aniversários dos municípios e das igrejas. As hipóteses de trabalho estão calcadas nos processos migratórios ocorridos na primeira metade do século XX, onde houve uma grande movimentação tanto inter-regional quanto intra-regional de migração no nosso Estado, e nessa região, pois podemos perceber um aumento significativo da expansão demográfica no censo de 1950, sendo elevada até o censo de 1970.

A historiografia científica sobre essa região, remonta a década de 1960, quando historiadores da Universidade Federal do Paraná, Altiva Pillati Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen, publicaram seu estudo sobre a ocupação da terra no Estado do Paraná Moderno. Nele é possível perceber o contingente populacional da região, que girava em torno de mais de 3 mil famílias, cerca de 15 mil pessoas, que já ocupavam o território e tinham como atividade econômica a lavoura.

[...] Também os posseiros de Ubá, em Pitanga, apelam ao Presidente da República, na intenção de evitar um choque mais grave do que aquele de Porecatu. O caso de Ubá era o mesmo de Jagiapitã e Porecatu. Desde o tempo do interventor Manuel Ribas, o Governo localizara em Ubá, lavradores candidatos à aquisição de terras devolutas. Ali derrubaram a mata, ergueram seus ranchos e iniciaram suas plantações. Cerca de 3.400 famílias, perto de 15 mil pessoas permaneciam, no entanto, em situação angustiosa, presenciando suas terras vendidas a outros. A Companhia Territorial Ubá Limitada, beneficiária dos negócios realizados, despejava com violência os posseiros que não concordavam em pagar os preços exigidos. A pretexto de intrusão, a Polícia, enviada para manutenção da ordem, servia, no entanto, aos propósitos da Companhia que revendia a vinte mil cruzeiros o alqueire de terra adquirido do Estado a quatrocentos cruzeiros. (WESTPHALEN; MACHADO; BALHANA, 1968, p. 39. grifo nosso).

Correia, (1990) afirma que desde o ano de 1941 começaram a chegar os posseiros ou “safristas”, como eram chamados, e que estes derrubaram o mato, fizeram queimadas, plantaram milho, arroz e feijão na região. Após a colheita soltavam os porcos na roça para engorda e posteriormente eram vendidos em Faxinal, Apucarana ou Manoel Ribas.

Em um relato trazido por Correia, (1990) o senhor Genibre Ayres Machado, antigo morador de Jardim Alegre, contou que certa vez se reuniram cerca de 2.000 mil pessoas para enfrentar a companhia colonizadora em um conflito agrário no início da década 1950.

Já segundo Queizi, (1999), há registros de moradores na região desde 1939, ano em que José Rodrigues de Lima (Zé Lazinho) teria chegado nas proximidades de onde hoje se encontra o distrito de Porto Ubá em Lidianópolis. Antes dele havia apenas um único morador existente na região conhecido por “Teodorinho”, este havia derrubado algumas árvores um pouco à frente de onde hoje se encontra o distrito, num local com uma queimada no meio do mato, onde morava em um rancho coberto de capim. A atividade exercida por Zé Lazinho e seu pai era também o plantio de milho e a engorda de porcos, a “cultura safrista”, e eles eram vendidos em Londrina, Faxinal e Ponta Grossa.

Mas é Farias, (2020) que de fato traz um relato de viagem compilado por Straube, (2016) de uma expedição de cientistas poloneses, liderados por Tadeusz Chrostowski, que marca o exato momento do início da ocupação das terras da região. Essa expedição ao chegar de viagem no Salto da Ariranha, (região do município de Ariranha do Ivaí) no dia 24 de novembro de 1922, encontrou um vilarejo que era o último sítio habitado do rio Ivaí, e que contava com meia dúzia de famílias de “caboclos”, um deles chamado Sebastião Cunha que teria percorrido todo o rio, acerca de dez anos (entre 1912 e 1922) e forneceu valiosas informações para a expedição sobre os lugares mais críticos e os meios mais seguros de transpor o rio e seguir viagem, ou seja, desde a primeira década do século XX a região já possuía moradores, mas de onde eles vieram? Por quê vieram? Quais as atividades exercidas por eles nessa região?. São indagações que nos fazemos e temos como objetivo tentar respondê-las ao longo da pesquisa.

Na cachoeira Salto Ariranha, a maior e mais perigosa no rio Ivaí, ainda tentam se livrar do isolamento alguns moradores de lá como por exemplo os senhores Armando Nogueira da Silva e Deolindo Brasil Ortiz. (CHROSTOWSKI. Porto Xavier da Silva, 16 de janeiro de 1923 apud STRAUBE, 2016, p. 200-201. Tradução do autor).

O geógrafo Denez, (2011) ao analisar a dinâmica populacional na região de Ivaiporã entre os anos de 1970 a 2010, teve como hipótese que o espaço regional juntamente com a sua dinâmica era condicionado pela mobilidade populacional, e que no início foi desencadeada pelo processo de modernização agrícola. Para isso recorreu aos dados do IBGE a fim de compreender a mobilidade populacional local entre essas décadas.

As narrativas existentes em publicações memorialísticas sobre a “colonização” desses espaços, remontam os anos de 1940 com a chegada dos “desbravadores”, “pioneiros” que adentraram a “mata virgem”, abriram estradas, edificaram suas casas, construíram cidades, e como diziam: trouxeram o “progresso” para a região.

A partir da década de 1970 se iniciou a produção dessas “memórias” que visavam mostrar como se deu o processo de “colonização” da referida região, com enfoque nos aspectos históricos e sociológicos da população existente no local. As narrativas construídas estavam pautadas na chegada da frente pioneira dos municípios de Arapuã, Ivaiporã, Jardim Alegre, Lunardelli e São João do Ivaí. Nos anos de 1980 a produção desse material foi mais intensa, sendo a última publicação datada do ano de 2004.5

Pitanga⁶

Segundo Cleve, (2010) a população do distrito de Pitanga entre as décadas de 1930 e 1940 era bastante reduzida, sendo constituída predominantemente por colonos das etnias alemã, ucraniana e polonesa, que vinham das regiões dos Rios dos Patos, Teresa Cristina e Prudentópolis, e também, por caboclos.

O povoamento da região da sertaneja da Serra da Pitanga[...], deu-se lentamente, de forma individual e desorganizada, dispersa, por colonos ou grupos de colonos oriundos dos mais variados pontos do estado, que foram se embrenhando pela floresta e abrindo suas posses, e nelas se estabelecendo com moradia e lavoura de subsistência[...], a luta pela ocupação não foi tarefa fácil, sendo superada apenas pela coragem e destemor desses pioneiros, que enfrentaram e venceram obstáculos de toda a ordem, visando obter um pedaço de chão para viver com suas famílias. (CLEVE, 2010, p. 61).

Manoel Ribas⁷

Os primeiros relatos de ocupação da região de Manoel Ribas remontam ao ano de 1927, com a chegada de migrantes vindos de Reserva, Teresa Cristina e Cândido de Abreu, Osório Francisco Meira, Vicente Constanski, João Estanislau Psick e Fabrício Antonio Getúlio, este último foi responsável pela vinda de um grande número de colonos de Cândido de Abreu. Instalaram as suas residências em locais próximos a margem do riacho que denominaram Águas dos Lemes, onde montaram seus monjolos comunitários. Já o primeiro a abrir Picada de Pitanga para Manoel Ribas teria sido Lívio Annunziatto, natural de Prudentópolis, açougueiro, delegadode Pitanga (BOING, 2012).

A vida desses primeiros migrantes foi dedicada a plantação do milho e a criação de suínos, que eram vendidos em Cândido de Abreu, Reserva e Ponta Grossa.

Ivaiporã⁸

A migração inter-regional dos moradores da região de Ivaiporã trazida por Padilha, (1988) era nordestina (Alagoas e Bahia), sudestina (Minas Gerais e São Paulo) e sulista (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). Já a migração intra-regional foi influenciada pela região Centro-Oriental, Centro-Sul, Metropolitana, Norte Central, Norte pioneiro e Sudeste. Com relação a migração internacional ele nos traz 1 Espanhol natural de Billar (ESPANHA) e 1 português natural da Freguesia do Carvoeiro (PORTUGAL).

Arapuã³

A migração inter-regional na região de Arapuã de acordo com as informações levantadas em Amaral, (2004) se deu pelo fluxo de migração sudestina (Minas Gerais e São Paulo) e sulista (Rio Grande do Sul e Santa Catarina). Já a migração intra-regional se deu pelas regiões Metropolitana, Norte Central e Norte Pioneiro.

Jardim Alegre⁴

Segundo Padilha, (1987) a região de Jardim Alegre teve influência da migração inter-regional nordestina (Ceará e Paraíba), sudestina (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo) e sulista (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina). E a migração intra-regional teve influenciada região Metropolitana, Norte Central, Norte Pioneiro, Centro-Sul, Centro-Oriental e Sudeste.

3 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/arapua/historico>. Acesso em: 14 ago. 2020.

4 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/jardim-alegre/historico>. Acesso em: 14 ago. 2020.

Lidianópolis⁵

A migração inter-regional na região de Lidianópolis conforme Padilha, (1987) teria se dado pelo fluxo de migração nordestina (Bahia) sudestina (Minas Gerais e São Paulo) e sulista (Santa Catarina). Já a migração intra-regional se deu pelas regiões Metropolitana, Norte Central, Norte Pioneiro, e Sudeste. E há também, migração internacional da região de Castelo da Mação- PORTUGAL.

São João do Ivaí⁶

Segundo Scicchitano; Queiroz, (1980) a chegada dos primeiros “colonizadores” teria sido iniciada a partir de 1945. Em 1948 existia Orozimbro Martins, que teria erguido uma cabana, perto de onde hoje situa-se o Hospital Maternidade Central de Ivaí. E nela instalou uma venda e um bolicho, um lugar de encontro dos moradores. A venda do “Ozorinho” era o centro de tomada das decisões comunitárias. Nesse local surgiu a ideia de se construir uma praça. No local aberto e escolhido foi erguido um Cruzeiro, onde atualmente se encontra a Praça Duque de Caxias. (SCICCHITANO; QUEIROZ, 1980).

Distritos de Guaretá e Lunardelli⁷

A região de Guaretá começou a receber seus primeiros “desbravadores” a partir de 1941, com a chegada de Antonio Cales Batista, responsável pela abertura das primeiras “picadas” e da estrada. (PADILHA, 1984).

O fluxo migratório inter-regional da região de Lunardelli, segundo informações levantadas por Padilha, (1984) se deu pela região Nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco) e Sudeste (Minas Gerais e São Paulo), quanto a migração intra-regional o mesmo recebeu migrantes das regiões Metropolitana, Norte Central e Norte Pioneiro, já a migração internacional tem-se o registro de 1 asiático natural de Shumamé-Kem (JAPÃO).

Queremos esclarecer que o projeto que ora se apresenta, busca identificar o perfil dos agentes histórico-transformadores da história da região do Vale do Ivaí. Procuraremos demonstrar que essa região possui presença populacional desde a primeira metade do século XX, e que a ocupação das terras situadas entre os rios Ivaí e Corumbataí foi constituída de encontros e desencontros por populações vindas dos mais diversos lugares.

O historiador Ruy Wachowicz, (2010) afirmava que a partir da década de 1960 o Paraná poderia ser considerado um estado territorialmente ocupado. Com a cessão das “frentes pioneiras”, não restavam mais terras a serem ocupadas e colonizadas, completando-se historicamente o período de ocupação territorial. Herdeiro do projeto de Brasil Pinheiro Machado, ele desenvolveu sua teoria sobre a ocupação do estado dividindo-o em três

5 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/lidianopolis/historico>. Acesso em: 14 ago. 2020.

6 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/sao-joao-do-ivai/historico>. Acesso em: 14 ago. 2020.

7 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/lunardelli/historico>. Acesso em: 14 ago. 2020

áreas histórico-culturais: 1) Paraná Tradicional; 2) Frente Nortista e 3) Frente Sulista.

Wachowicz previa que:

A próxima etapa no desenvolvimento histórico-cultural do estado é concluir a obra de integração das partes que formaram o Paraná num todo mais homogêneo. Somente unido e sem esdrúxulos sentimentos regionais poderá o Paraná reivindicar e conquistar um importante papel na esfera federal. Este processo, entretanto, já está em pleno desenvolvimento e concretização[...] O Paraná neste final do século XX já tem seu território ocupado e colonizado. Cabe agora, aos paranaenses de todas as origens e procedências, saber administrá-lo e preservá-lo (WACHOWICZ, 2010, p. 333).

A partir dessa teoria, buscaremos narrar o encontro dessas “frentes pioneiras” na região central do Estado, pois temos como hipótese que esse encontro ocorreu entre os rios Ivaí e Corumbataí. Fundamental para identificarmos as relações sociais no processo de formação regional no centro do Estado, que ainda é pouco conhecida pela historiografia paranaense.

CONCLUSÃO

Podemos buscar muitos caminhos para entender o passado, vários são os vestígios deixados pelo homem, e para esta pesquisa, optamos trabalhar com fontes oficiais, que muitas vezes dificultam o trabalho do pesquisador, pois o acesso a essas pode ser difícil.

Inicialmente, temos acesso direto as fontes do IBGE e aos ReGistros Cíveis, as fontes Religiosas, ainda precisamos do acesso legal. Sabendo da árdua missão do historiador, objetivamos então reconstruir parte da história da ocupação da região central do Estado do Paraná.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Cezar Felipe Cardozo. **“A terra não estava vazia e a mata não era virgem”**: a história da Fazenda Ubá no vale do Ivaí/PR (1853-1929). 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

GOMES, Vânia Inácio Costa. **Parteiras e benzedadeiras**: saberes e fazeres femininos na região do Vale do Ivaí (1960-1990). 2020. Exame de qualificação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. **Estudo demográfico da paróquia de Nossa Senhora Sant’Ana de Ponta Grossa. 1823-1879**. 1979. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 1979.

HENRY, Louis. **Técnicas de análise em Demografia Histórica**. Curitiba: UFPR, 1977.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Recenseamento Geral do Brasil (1º de Setembro de 1940)**. Censo Demográfico População e Habitação Censos Econômicos Agrícola, Industrial, Comercial e dos Serviços. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951. (Série Regional Parte XVIII – Paraná). **Disponível em**: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_p18_pr.pdf>. **Acesso em**: 14 ago. 2020.

IPARDES. INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.

Diagnóstico socioeconômico do Território Paraná Centro: 1ª fase: caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007a. **Disponível em:** <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/territorio_parana_centro.pdf>. **Acesso em:** 14 ago.2020.

LUZ, France. **As migrações internas no contexto do capitalismo no Brasil:** a microrregião “Norte Novo de Maringá” – 1950/1980. 1988. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). **Demografia Histórica:** orientações técnicas e metodológicas. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1977.

NADALIN, Sergio Odilon. **História e Demografia:** elementos para um diálogo. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 2004. (Coleção Demográficas, v.1).

PADILHA, Antonio. **Distrito de Lidianópolis Município de Jardim Alegre Paraná a caminho do desenvolvimento 1987:** histórico pioneiros atualidades. Londrina: Jornal Nipo- brasileiro suplemento especial, 1987.

PADILHA, Antonio. **Ivaiporã Paraná a capital dos cereais 1988 sua história e sua evolução.** Londrina: Gráfica Modelo de Londrina Ltda. Traço publicações, 1988.

PADILHA, Antonio. **Jardim Alegre Paraná Jardim da prosperidade Pérola do Ivaí:** história pioneiros atualidades 1987. Londrina: Gráfica Modelo de Londrina Ltda./Traço publicações, 1987.

PADILHA, Antonio. **Lunardelli Paraná uma cidade jovem sua história sua gente! 1986:** 4 anos de progresso pioneiros atualidades. Londrina: Gráfica Modelo de Londrina Ltda./Traço publicações, 1986.

QUIEZI, Simone Aparecida. **O bendegó do Ubá e os pescadores ribeirinhos de porto Ubá no rio Ivaí.** 2020. Exame de qualificação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

SILVA, Alef Guilherme Zangari. **Política de Imigração e colonização no Brasil Imperial:** Um estudo sobre a Colônia Thereza Christina-PR (1847-1875). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches:** paróquia da imigração polonesa. Um estudo de história demográfica. 1974. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** 2 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro. **Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno.** Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, nº 7, p. 1-52, 1968. WESTPHALEN, Cecília Maria (Org.). BALHANA, Altiva Pilatti. **Un Mazzolino de Fiori.** Curitiba: Imprensa Oficial; Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2002. (3 volumes)